



Mário Cláudio e o estilo biográfico

Mário Cláudio and the Biographical Style

Carla Sofia Gomes Xavier Luís

Universidade da Beira Interior, Covilhã / Portugal

cxavier@ubi.pt

Resumo: Mário Cláudio tem vindo, ao longo dos 50 anos que se comemoram em 2019, desde a publicação, em 1969, de *Ciclo de Cypris*, a cultivar uma escrita coerente, com linhas de continuidade assinaláveis, de resto, como é apanágio de escritores de elevada qualidade estética. Partindo da sua última obra dada à estampa até então, *Memórias Secretas* (abril de 2018), onde podemos, desde logo, apreciar a continuidade da tendência à redação de biografias ficcionais, procuramos, com o presente trabalho, cumprir, dentro do possível, até pelas naturais restrições de espaço, o desiderato de perceber como funciona esta apetência ao estilo biográfico, não deixando de trazer à colação outros aspetos estilísticos bastante recorrentes, bem como algumas temáticas eletivas mais marcantes na sua vasta, premiada e altamente qualificada obra.

Palavras-chave: Mário Cláudio; estilo; biográfico; continuidade.

Abstract: Mário Cláudio, during the past 50 years that will be celebrated in 2019, since the publication of *Ciclo de Cypris* in 1969, has been cultivating a coherent writing, with notes of continuity that are remarkable, by the way, as all the high aesthetic quality writers. Starting from his last work, issued until the present times, *Memórias Secretas* (April 2018), where we can see the continuity of the tendency to fictional biographies writing, we try, with the present work, to fulfil, as far as possible, because of the natural restrictions of space, the purpose of perceiving how does it works this tendency to the biographical style, having in mind other relevant stylistic aspects, as well as some outstanding elective themes in its huge, awarded and highly qualified work.

Keywords: Mário Cláudio; style; biographical; continuity.

Recebido em 30 de maio de 2018

Aprovado em 17 de setembro de 2018

Foi com elevado agrado que recebi o convite para participar no dossiê temático organizado pelos caríssimos colegas Professora Doutora Raquel Madanêlo de Souza (UFMG), Professora Doutora Silvana Pessoa de Oliveira (UFMG) e Professor Doutor José Cândido de Oliveira Martins (UCP-Braga), a publicar na *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil), que almeja robustecer o conjunto de belíssimos trabalhos¹ dedicados à multifacetada e polifônica obra de *Mário Cláudio* que têm vindo a dar à estampa por Terra da Vera Cruz. Prazer redobrado não só pelo imenso apreço que nutro, pessoal, profissional e artisticamente, pelo escritor em destaque, mas também pela possibilidade de oferecer o meu modesto contributo ao presente volume, ajudando a estabelecer esta ponte transatlântica entre dois países irmãos, lusófonos, portanto, separados pela natural descontinuidade geográfica, mas unidos genética, sentimental e culturalmente. Por conseguinte, não poderíamos deixar de agradecer e de felicitar os promotores desta oportuna iniciativa que, convocando sinergias luso-brasileiras, por assim dizer, surge num contexto deveras especial, posto que se junta ao conjunto de publicações que celebram a *efeméride dos 50 anos de trabalho literário do escritor contemporâneo Mário Cláudio (1969-2019)*, isto tendo em mente a sua primeira obra publicada: *Ciclo de Cypris* (poesia).² No que a Portugal diz respeito, destacamos igualmente dois livros que verão em breve a luz do dia, a saber: *O Essencial sobre Mário Cláudio*, da autoria de Martinho Soares (Imprensa Nacional Casa da Moeda), e *Vida e Obra de Mário Cláudio* já disponível em <<http://www.lusosofia.net/textos/20181011->

¹ A título de exemplo de alguns trabalhos realizados em torno da obra de Mário Cláudio no Brasil que em tempos destacámos, naturalmente fruto das nossas leituras, cf., por exemplo, Luís (2017, p. 945-946).

² Iniciado com *Ciclo de Cypris* (Porto: Edição do Autor, 1969). A título de curiosidade, quando a sua primeira obra, *Ciclo de Cypris*, deu à estampa, no Porto, ficando o seu pai encarregue das questões editoriais, Mário Cláudio encontrava-se na Guiné Bissau a cumprir serviço militar (*Biografia de Mário Cláudio*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=BLLzbZ9z714>>. Acesso em: 15 dez. 2011).

vida_obra_mario_claudio_2018.pdf> (Fundação Engenheiro António de Almeida e Universidade da Beira Interior), organizado por Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Alexandre António da Costa Luís e Miguel Real, com o contributo de inúmeros especialistas da obra claudiana, nacionais e internacionais, que estiveram reunidos a 12 e 13 de novembro de 2015, na Universidade da Beira Interior³ (Covilhã, Portugal), no Colóquio Internacional de Homenagem que aí teve lugar.

Feito este preâmbulo, e ainda antes de darmos início ao texto propriamente dito, gostaríamos de deixar mais uma nota prévia. Desde 2010, data da conclusão da nossa tese de Doutoramento,⁴ posteriormente publicada com o título *Língua e Estilo: um Estudo da Obra Narrativa de Mário Cláudio* (LUÍS, 2011a, 445 p.), até aos últimos textos que deram à estampa, “Um Breve Olhar sobre a Vida e Obra de Mário Cláudio” (2017, p. 921-940) e “Mário Cláudio: o Nascimento de um Escritor”, em parceria com Alexandre Luís (2018, p. 100-127), não esquecendo a entrevista intitulada “– Nós e os Outros”, em parceria com Annabela Rita e Miguel Real (2016-2017, p. 192-201),⁵ nem o rol de comunicações proferidas, temos vindo a refletir continuamente sobre a obra claudiana.⁶ Com efeito, tendo em conta este trajeto, não poderíamos deixar de trazer à colação algumas conclusões que fomos verbalizando ao longo dos anos, refrescando, naturalmente, com novas achegas, mormente decorrentes de leituras formuladas em torno de trabalhos mais recentemente publicados pelo escritor em destaque.

Após estes breves esclarecimentos, passamos, sem mais delongas, ao labor que nos propomos fazer. Sabendo que o ficcionista em estudo tem vindo, desde sempre, a cultivar uma escrita “consistente, continuada e coerente” (REIS, 2005, p. 24), e tendo por diadema o estilo biográfico,

³ Esta obra tem por base o evento realizado em 2015, na Universidade da Beira Interior, intitulado *Vida e Obra de Mário Cláudio*. Para mais informações sobre este Colóquio Internacional, cf. as seguintes moradas: <<http://cemarioclaudio.blogspot.pt/2015/11/coloquio-internacional-vida-e-obra-de.html>>; <<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/event/3018>>; <<http://www.ubi.pt/Evento/5980>>.

⁴ A título de curiosidade, trata-se da primeira tese de Doutoramento realizada em Portugal sobre Mário Cláudio, defendida na Universidade da Beira Interior e orientada por João Malaca Casteleiro e Gabriel Magalhães.

⁵ Reposta (com três questões adicionais) em Luís, Luís e Real 2015, p. 25-35).

⁶ A título de exemplo dessa produção em torno da obra de Mário Cláudio, vejam-se alguns títulos constantes na nota biobibliográfica acima expostos.

conforme o título nos deixa, desde logo, adivinhar, procuramos, com o presente trabalho, cumprir, dentro do possível, até pelas naturais restrições de espaço, o desiderato de destacar certos aspetos estilísticos da obra claudiana, em nossa opinião, bastante marcantes. Com efeito, tendo em conta as linhas de continuidade que desejamos demarcar, pareceu-nos que faria todo o sentido partirmos da sua mais recente publicação intitulada *Memórias Secretas*, dada à estampa em abril de 2018.

E damos início a este pequeno périplo, convocando precisamente, tal como acima anunciámos, *Memórias Secretas*, posto que vem, desde logo, atestar a continuidade da predisposição de Mário Cláudio para o estilo biográfico. Este romance, que comemora os 50 anos desde a publicação da *Balada do Mar Salgado* (um dos maiores clássicos das histórias aos quadrinhos que, na Itália de 1967, deu à estampa), redigida por Hugo Pratt, mas também o conseqüente nascimento de Corto Maltese, apresenta como mote inaugural, exposto na introdução, o envio do manuscrito original, com o mesmo título, que, com duas missivas assinadas por Obregon Carrenza, chega à morada postal do futuro biógrafo da mencionada personagem fictícia Corto Maltese. O destinatário deste desafio é, naturalmente, Mário Cláudio, descrito como “o herói que redigiria as memórias” (CARRENZA; CLÁUDIO, 2018, p. 13), sendo sobejamente afamada a sua “predisposição para a escrita biográfica de qualquer tipo, bem como a paixão pela banda desenhada como género literário” (CARRENZA; CLÁUDIO, 2018, p. 13).

Note-se, de resto, que este molde biográfico, por assim dizer, onde se encontram meticulosamente vertidos vários ingredientes que conferem espessura e relevância cultural à sua escrita artística, visível também nesta última obra publicada, é já bastante antigo. Na realidade, como referimos em tempos:

fiel adepto do documento e da pesquisa apurada, que considera vital antes de iniciar um novo trabalho, Mário Cláudio devolve à história da literatura e da cultura, em formato **Biográfico** (autobiográfico, psicobiográfico, sociobiográfico), as **Identidades Pessoais e Culturais** (reais ou fictícias, anónimas ou conhecidas), enquadradas num determinado **Tempo Histórico** (Regional, Nacional e Mundial) e que se movimentam num dado **Local** (Casa/Norte/País (Portugal)/Estrangeiro) (LUÍS, 2011a, p. 245-259).

De facto, todo o seu trabalho romanesco, mas também de algum modo o dramaturgíco (*Medeia*,⁷ 2008) e até o cronístico (*A Alma Vagueante*, 2017), é forjado com base nestes pilares, por assim dizer. Além disso, é também digno de nota o facto de que, mesmo debuxadas segundo o padrão acima descrito, as suas obras não apresentam todas a mesma espessura cultural. Com efeito, tendo como ponto de partida os critérios densidade artístico-cultural do tema tratado e espectro temporal da matéria narrada, hierarquizámos, em tempos, sob o título “Os Graus do Estilo: os *Stilus Grauis*, *Mediocris* e *Humilis* na Obra Narrativa de Mário Cláudio” (LUÍS, 2011a, p. 339-392), seis trabalhos, que cronologicamente vão de 1984 a 2008, estando representadas, neste conjunto, as quatro trilogias publicadas até então, que abordamos de seguida.

Na realidade, estas quatro trilogias⁸ até então dadas à estampa, a da *Mão*⁹ (1984-1988), a da *Árvore*¹⁰ (1990-1997), a das *Constelações*¹¹ (2000-2004) e a dos *Afetos*¹² (2008-2015), nascidas da afinada “intuição”

⁷ Para uma análise de *Medeia* ver, obrigatoriamente, da autoria de Miguel Real, “Mário Cláudio: Estudo Sobre *Medeia*” (2018, p. 217-228).

⁸ Para uma análise mais pormenorizada das três primeiras trilogias publicadas, ver o capítulo “Rostos da Portugalidade na Escrita de Mário Cláudio: o Caso das Trilogias da *Mão*, da *Árvore* e das *Constelações*” (LUÍS, 2015, p. 101-136).

⁹ Composta por *Amadeo* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984), *Guilhermina* (Lisboa, 5. ed. Dom Quixote, 2007 [INCM, 1986]) e *Rosa* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988).

¹⁰ Composta por *A Quinta das Virtudes* (Lisboa, Quetzal Editores, 1990), *Tocata para dois Clarins* (Lisboa, Dom Quixote, 1992) e *O Pórtico da Glória* (Lisboa, Dom Quixote, 1997). Note-se que a terminologia “Trilogia da *Árvore*”, para designar o conjunto das mencionadas obras, foi sugerida por Carla Sofia Gomes Xavier Luís, concretamente em *Língua e Estilo: um Estudo da Obra Narrativa de Mário Cláudio* (Vila Real, Centro de Estudos em Letras e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2011, com o apoio da FCT, p. 311-313).

¹¹ Composta por *Ursamaior* (Lisboa, Dom Quixote, 2000), *Orion* (Lisboa, Dom Quixote, 2003) e *Gémeos* (Lisboa, Dom Quixote, 2004).

¹² Composta por *Boa Noite, Senhor Soares* (Lisboa, Dom Quixote, 2008), *Retrato de Rapaz* (Alfragide, Dom Quixote, 2014 – Grande Prémio de Romance APE/DGLAB, 2014) e *O Fotógrafo e a Rapariga* (Alfragide, Dom Quixote, 2015), sendo esta última uma novela e não romance como todas as outras. Esclareça-se que, esta designação, *Trilogia dos Afetos*, foi usada pela primeira vez por Carla Sofia Gomes Xavier Luís durante a comunicação “Mário Cláudio: a vida, a obra e o estilo biográfico”, *Colóquio Internacional Vida e Obra de Mário Cláudio*, UBI, 12 e 13 de novembro de 2015. Expressão usada pela mesma autora

(CLÁUDIO, in RITA; LUÍS; REAL, 2015, p. 28) do escritor, apesar das suas especificidades intrínsecas (linguísticas, estilísticas, culturais, históricas), constituem, em diferentes graus, peças chave de um amplo mosaico ou puzzle em torno da mencionada perscrutação identitária, encaixando, na perfeição, no perfil biográfico que temos vindo a traçar.

Concretizando, a da *Mão*, além da visível tipificação das históricas três camadas sociais, aristocracia, burguesia e povo, e da temática central das expressões artísticas, deixa igualmente adivinhar o engenho, a destreza, a vocação do povo lusitano para as artes (pintura, música e olaria, respetivamente), convocando, deste modo, ideias benignas, que nos conduzem à face boa dos portugueses, a face da “portugalidade”. A da *Árvore*, a crónica da “família do autor” (JORGE, 2002, p. 211), reporta-se a um tempo pretérito, onde somos convidados a comungar de uma ancestral evocação dos ritos cósmicos, uma profundíssima busca das origens¹³ familiares, antes de mais, mas também locativas,¹⁴ históricas, dos costumes. No fundo, recua inclusive ao homem da caverna e aos mais primitivos modos de vida, rastreia o nascimento de uma grei, de um povo, de uma família que é a sua e que o leva a sair de terras lusitanas para outros espaços por onde se moveram. A das *Constelações*, tendo por eixo o discurso do poder e as várias relações que com ele se estabelecem, evoca conceitos como “autoridade e medo, ataque e defesa, império e fragilidade” (CLonline, p. 24), levando-nos a vislumbrar as dicotomias velhice/juventude, opressão/poder, liberdade/prisão, evocando, por seu turno, isto comparativamente à trilogia da *Mão*, o lado mais obscuro do povo lusiada, no fundo, a outra face da moeda, a de uma espécie de “portuguesismo”, principalmente quando pensamos em *Ursamaior*. A

em “Algumas Páginas Sobre *Peregrinação de Barnabé das Índias* de Mário Cláudio” (LUÍS, 2016, p. 219). Brunello de Cusatis, no supracitado evento, para o mesmo conjunto de três obras, propôs também a terminologia de *Trilogia das Gerações*.

¹³ Acerca deste assunto, Isabel Pires de Lima (1990, p. 12) explica:

A largas pinceladas e num sugestivo tom bíblico e hagiográfico, é evocado, nas primeiras páginas, um Portugal primordial, de um tempo genesiaco, prévio à sua própria constituição como nação, onde impera uma fertilíssima terra ancestral, mátria elementar de lóbregos povos, que darão compleição a uma família, a uma casa, a uma cidade, no fundo, a uma nação, acompanhando-a nós, depois, na dilacerante passagem do antigo regime para os tempos modernos.

¹⁴ Note-se que, em tempos, apelidámos “Romance de Lugar” à obra *A Quinta das Virtudes* (LUÍS, 2011a, p. 323-399).

dos *Afetos* está voltada para as relações afetivas que se desenvolvem entre pessoas de idades muito diferentes. Esta última *Trilogia* até então reunida, teve início em 2008, com *Boa Noite, Senhor Soares*, onde, pelo olhar singelo do jovem António da Silva Felício tomamos conhecimento, entre outros aspetos, da obsessão que este nutre pelo “Senhor Soares”: “Fiquei paralisado como um tolo” (CLÁUDIO, 2008, p. 73) com “o receio de dar de caras com o que tanto me intrigava no seu obscuro silêncio, e que tanta admiração inexplicável suscitava em mim” (CLÁUDIO, 2008, p. 73). Em 2014, *Retrato de Rapaz*¹⁵ relata a história de um jovem que chega ao *ateliê* de Leonardo da Vinci pela mão do pai que, cansado da sua rebeldia juvenil, o entrega ao mestre para que este faça dele seu criado. O artista em destaque deixa-se seduzir pela beleza e pelo espírito irreverente do rapaz a quem coloca o nome de Salai. Como refere António Ganhão (2014): “O autor resiste à tentação de um *voyeurismo* sobre o mito da homossexualidade de Leonardo, o seu amor pelo jovem acabará por amadurecer, assumindo uma expressão paternal”. Em 2015, a novela *O Fotógrafo e a Rapariga* apresenta, desta feita, como protagonistas o britânico Charles Dodgson, mais comumente conhecido como Lewis Carroll, pseudónimo que assinou o clássico *Alice no País das Maravilhas*, e Alice Lidell, a rapariga que o inspirou, posando de forma provocadora para os seus retratos e alimentando, deste modo, as suas fantasias.

Feito este périplo por doze obras de extrema relevância quer na formatação do puzzle claudiano, em geral, quer no âmbito da questão do estilo biográfico, em particular, e dando continuidade a esta busca das motivações que estariam na génese da propensão para a biografia ficcional, procurando ainda perceber a técnica que a enforma, chegámos, em 2017, à conclusão que agora expomos:

Esclareça-se que a técnica da biografia ficcional em Mário Cláudio consiste em visitar projetos (a tentativa de Eça de Queirós escrever *As Batalhas do Caia*), crimes (como os que acontecem em *Ursamaior*), situações (como é o caso da *Trilogia dos Afetos*), mas também lugares (como acontece n’*A Quinta das Virtudes* ou no *Meu Porto*), proeminentes artistas das mais diversas áreas (grupo no qual, de resto, também se inclui), escritores, escultores, músicos, pintores, como Amadeo de Souza-Cardoso,

¹⁵ Acerca desta obra, *Retrato de Rapaz*, cf. o belíssimo retrato traçado por Teresa Cerdeira (in LUÍS; LUÍS; REAL, 2018, p. 261-272).

António Nobre, Bernardo Soares, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Goya, Guilhermina, Rosa Ramalha, Mário Cláudio, entre outros, que contribuíram para a espessura da cultura e da história de um povo, de uma família. No caso da biografia de artistas, exaltando, não tanto aspetos que interessariam a uma biografia dita convencional, mas mais focado nas especificidades ou marcas de referência da arte de cada biografado, não deixando de lado as suas potenciais idiossincrasias, que, em jeito heteronímico, satisfazem os seus múltiplos eus, relações interpessoais, interação com a sociedade, com a história e com a cultura portuguesa e forânea, coloca, por conseguinte, a descoberto uma dupla faceta do biografado, ou seja, este último é simultaneamente concebido como produto e produtor da sociedade em que viveu” (LUÍS, 2017, p. 939-940).

Ora, sabendo que, como o próprio nos diz, “o estilo de um autor [...] não é uma questão de opção, mas sim de natureza” (CLÁUDIO, in NETO, 2008), de “carácter” (CLÁUDIO, in RITA; LUÍS; REAL, 2016-2017, p. 194 e 199), sendo que “escrevemos o que somos” (CLÁUDIO, in NETO, 2008), parece-nos legítimo afirmar que se trata, efetivamente, de um formato que lhe é intrínseco, natural, diríamos mesmo até vital, sendo que o estilo biográfico se confunde com o próprio escritor, daí a razão de ser do título do presente trabalho. Por conseguinte, projetando-se como “herdeiro dos artistas cujos rostos descreve” (ALVES, 1991, p. 94) e focado na arte, espécie de “personagem principal” das suas biografias ficcionais, vai cruzando afinidades, criando *alteregos* vários, por assim dizer, e procurando, através de cada livro, o seu “próprio rosto” (CLÁUDIO, in CASTRO, 1999, p. 17). Deste modo, do pessoal ao coletivo, indagando “o desenho e a fundura das nossas raízes”, como Álvaro Manuel Machado (1996, p. 131) sagazmente antevê em *Tocata para Dois Clarins*, traço que viria a marcar a sua obra em geral, e procurando perceber “quem somos e como é que através dos séculos, das vicissitudes, dos cruzamentos, dos encontros e desencontros, chegámos aqui” (TAVARES, 2003, p. 30), a sua produção escrita, aureolada pelas circunstâncias históricas e narrativas de tempo e de espaço, imbrica num exercício de busca da alma artística mormente do ser lusitano, mas também estrangeiro, desde que com ele mantenha afinidades. O resultado final deste puzzle identitário, meticulosamente robustecido peça a peça, materializa-se, como Gabriel Magalhães sabiamente nos ensina, numa “enciclopédia do essencial da portugalidade – *Os Lusíadas* de uma epopeia portuguesa estritamente

literária e artística” (MAGALHÃES, p. 6), sendo que “toda a sua obra tende assim a ser uma paráfrase de Portugal e do seu ser cultural: Camilo, Eça, Pessoa, Amadeo – muitas das nossas essências foram transpostas para os seus livros” (MAGALHÃES, p. 4). Enfim, entendendo que, como “comunidade vetustíssima, que somos, cabe-nos lutar, corajosa e tenazmente, pela descoberta, das nossas próprias raízes, de forma a que, sobre o tecido que formar o fundo rizoma, possamos erguer a árvore robusta das idades a vir” (CLÁUDIO, 1992, p. 41-42), este “romancista de passados – de muitos passados” (MAGALHÃES, 2015, p. 153) – tem vindo, ao longo destas já cinco décadas de trabalho literário, a tecer, em formato biográfico, “a maior enciclopédia narrativa que alguma vez se desenhou da cultura portuguesa” (MAGALHÃES, p. 4), não deixando, no entanto, de extravasar fronteiras,¹⁶ pois ciente de que, como também nos ensina Eduardo Lourenço (2001, p. 180), “o encontro com os outros é o verdadeiro encontro connosco”. Sabendo que para se autoconhecer tem obrigatoriamente de se virar para dentro, mas de igual modo para fora e fazendo jus à tradicional predisposição do povo português para a viagem, Mário Cláudio é simultaneamente tocado quer pela nossa quer pela cultura do Outro, não deixando de, qual Ulisses ou Fernão Mendes Pinto, se regozijar com o regresso ao seu torrão pátrio. Ouçamos as suas palavras:

Se um mito ascende, suficientemente metafórico da mitologia, devemos zarpar da velha Ítaca, e a ela recolher, a fim de que nos reconheça a tristeza funda do olhar de um cão. Como Ulisses, ou por seu magistério, transformando-nos em viajantes nostálgicos do regresso a casa, quando não em sedentários mordidos pelo apetite do Mundo (CLÁUDIO, in LEÃO; FIALHO; SILVA [Coord.]., 2005, p. 17).

¹⁶ Como dissemos em tempos,

o norte que paira na obra de Mário Cláudio extravasa as “fronteiras políticas”, alastrando-se às suas próprias fronteiras identitárias (genéticas) que, no seu caso concreto, se estendem à Europa (Espanha, Irlanda e França). Curiosamente, tais fronteiras passam pela Galiza, região que, por questões histórico-linguísticas, revela várias afinidades com Portugal e com o mundo lusófono, alargam-se ao contexto Cantábrico, navegam no mar Atlântico, cujas estridentes ondas quebram contra os rochedos da Cornualha [onde se encontra com a referência anglófona Virginia Woolf], e chegam à Irlanda, país que, por coincidência, mantém uma reflexão permanente sobre a identidade (LUÍS, 2015, p. 117-118).

Ainda tentando descortinar algumas pistas em torno da tendência ao estilo biográfico em destaque, importa referir que, além de considerar o desafio supremo a redação de “uma autobiografia inventada”, tarefa que curiosamente vem a concluir em 2015 com a publicação de *Astronomia*, chamamos a atenção para o facto de que é o próprio Mário Cláudio quem nos guia nesta cruzada, dizendo que: “são figuras que têm alguma coisa a ver comigo, mesmo que a afinidade se manifeste pelo lado mais negativo. A única coisa que depois respeito é a cronologia. Faço uma psicobiografia, uma incursão pela personalidade da pessoa, pelas atmosferas a que esteve ligada, muito mais que pelos factos verificáveis” (CLÁUDIO in *Seleções do Reader’s Digest*, 2013, para as duas últimas citações). Importa sublinhar que *Astronomia* deu à estampa em 2015, tendo sido lançada quer na homenagem *Escritaria*, havida em Penafiel, outubro de 2015, quer na Universidade da Beira Interior, no já mencionado *Colóquio Internacional/Homenagem*, concretamente no dia 13 de novembro do mesmo ano, com a participação de Mário Cláudio e de Álvaro Manuel Machado. Segundo as Publicações D. Quixote, atual editora do escritor, “este é o romance da vida do Mário Cláudio, um livro sobre três fases da vida de um homem, que não por acaso é o próprio escritor” (LUSA, 2017). Socorrendo-se quer de fotografias, que soldam fragmentos de memórias, quer de intertextualidades desta feita com certos contos tradicionais e até com entradas de dicionários, *Astronomia* tem por alicerces três pilares etários, a saber: a infância, a idade adulta e a velhice. Estes três momentos marcantes da sua existência, ainda que ficcionados, são urdidos sob os títulos de «Nebulosa», onde descobre que afinal a sua primeira idade ficou marcada pelo medo e incertezas várias, que, de algum modo, enevoaram a sua meninice, acabando por se revelar menos feliz do que havia equacionado durante toda a sua vida; «Galáxia», que corresponde à idade adulta, e onde nos dá conta de aventuras e desventuras de vária ordem; «Cosmos», o tempo onde tudo faz sentido, considerando que é nesta fase da vida que as peças do mosaico acabam finalmente por formar um «padrão inteligível» (CLÁUDIO, in QUEIRÓS, 2015a).

Refira-se que o trabalho acima mencionado é considerado “o outro lado do espelho” (CLÁUDIO, in QUEIRÓS, 2015a), isto em relação a *Tiago Veiga. Uma Biografia*, onde o escritor em apreço, através de uma “nova teoria heteronímica” (REAL, 2012, p. 28), num jogo de troca de papéis, dá continuidade à perscrutação identitária (cf. LUÍS, 2015, p. 103-138) que tem vindo a cristalizar, como já se disse, em formato

biográfico. Mário Cláudio espelha-se em Tiago Veiga e este, por sua vez, projeta-se no povo lusíada, ou seja: “Tiago Veiga não é Mário Cláudio. Somos nós” (DIREITINHO, 2013). Também Cândido Oliveira Martins (2013a, p. 240) nota que

a escrita da biografia de Tiago Veiga institui-se em verosímil pretexto para traçar um prolongado retrato de Portugal contemporâneo, através de múltiplas referências sobre os meandros culturais, a sucessão de estéticas e, em última análise, sobre as grandezas e misérias do meio literário e cultural português. Em suma, no seu afã cronístico e testemunhal, a detida narrativa de uma vida, ao longo de quase um século, espelha a memória recente de uma nação – uma nação fastasmaticamente pós-imperial e inexoravelmente periférica, face ao centro da Europa e aos polos geoestratégicos e culturais do mundo.

Como é sabido, trata-se de uma obra hercúlea, arquitetada sob os signos da fluidez genológica (situando-se entre a “autoficção”, o cruzamento de múltiplas biografias, o ensaio histórico, jornalístico, o romance) que, percorrendo cem anos de conhecimento, abraçando a História de Portugal, realiza um pormenorizado diagnóstico à sociedade portuguesa do século XX. Além disso, repassando vários séculos de cultura, de literatura e retirando do olvido a memória do bisavô de Camilo Castelo Branco (protagonista de uma verdadeira saga de natureza poética no âmbito da história da literatura portuguesa), immortaliza-se pela forma absolutamente impressionante como Mário Cláudio nos “devolve um retrato de nós próprios enquanto portugueses” (DIREITINHO, 2013). Ainda acerca do mesmo trabalho, Cândido Oliveira Martins (2013b, p. 240), numa entrevista ao escritor em análise, muito oportunamente, debuxa a seguinte análise:

Com uma escrita exímia, arquitectura modelar, imensa pesquisa e constante entrelaçamento de vida e ficção, *Tiago Veiga, uma biografia* é um livro ímpar através do qual o premiado escritor atinge um momento culminante da sua obra na recriação de uma vida romanesca. Abarcando os horizontes de uma existência entediada e dos seus múltiplos cruzamentos, a narrativa biográfica re-inventa a vida de um escritor incompreendido e quase anónimo – Tiago Veiga (1900-1988), pelo mundo em pedaços repartida. Ao mesmo tempo, trabalho sobre a memória, ergue-se como notável panorâmica crítica da marcha do último século português.

José Carlos de Vasconcelos (2017, p. 11), identificando-a igualmente como “uma extraordinária obra literária”, “o «cume»” da vasta e valiosa biografia do autor e um dos livros mais fascinantes, inteligentes e imaginativos da literatura portuguesa deste século”, entende ainda que “Cláudio é ou está, muitíssimo, no Tiago Veiga”. Também em relação a este “Grande Romance”, assim etiquetado pelo júri quando o agraciou com o *Prémio Pessoa*, em 2013, é interessante destacar que, entre outros traços, sublinhou nada mais nada menos do que “a tentação biográfica” (in *Seleções do Reader’s Digest*, 2013) acalentada pelo autor.

Enfim, sabendo que todas as biografias têm, como o próprio refere, algo que ver com o escritor em estudo, não podemos de todo deixar de notar que as iniciais de Corto Maltese de *Memórias Secretas*, apesar de invertidas, coincidem com as do pseudónimo literário selecionado por Rui Manuel Pinto Barbot Costa para animar a figura do escritor Mário Cláudio. Este último, a título de curiosidade, nasceu da necessidade de separar o jurista do escritor que sobreviveu camuflado pela indumentária formal, usada por um período de tempo muito curto, concretamente na Guiné, onde advogou ao lado de Gomes Canotilho.¹⁷ Quanto a Corto Maltese, este constitui mais uma peça do puzzle claudiano, movendo-se num local que Mário Cláudio conhece muito bem e que aprecia profundamente, Itália (cf. LUÍS, 2017, p. 942), Veneza, debruada pelo Mar.¹⁸ *Memórias Secretas*, apresenta, como pano de fundo, a escrita artística simbioticamente expressa em texto e imagem: a banda

¹⁷ Como o próprio Mário Cláudio explica: “não queria que houvesse uma conflitualidade nas duas figuras e optei por me esconder através de um pseudónimo” (CLÁUDIO, in *Seleções do Reader’s Digest*, 2013).

¹⁸ A importância do elemento **Mar** na sua obra é mais uma marca de continuidade. Surge, desde logo, em *Um Versão Assim*, onde ouvimos “o marulho das ondas pequenas formas despontavam das pedras” (CLÁUDIO, 1988, p. 32), mas, assumindo funções diferentes, Mar purificador, “saram as chagas do espírito” (CLÁUDIO, 1998, p. 187), as feridas do passado, permitindo, deste modo, a Barnabé fazer a travessia espiritual. O Mar constitui uma espécie de “autoestrada” que lhe permite partir e voltar, que o ajuda a extravassar as suas fronteiras políticas e conecta-o às suas fronteiras identitárias, familiares, Galiza, região que, por razões histórico linguísticas, apresenta grandes afinidades com Portugal e com o mundo lusófono, espriam-se ao longo do mundo Cantábrico, navegam no estridente mar Atlântico, cujas ondas quebram contra os rochedos da Cornualha, e recordam a anglófona figura Virginia Woolf, chegando à Irlanda, país que, curiosamente, mantém uma reflexão permanente sobre a identidade (LUÍS, 2017, p. 952-953).

desenhada. Acerca deste romance, é o próprio quem nos diz: “traduzi do inglês original o manuscrito inacabado, rectifiquei alguns detalhes no tocante à cronologia, e abracei um estilo que, revelando-se porventura não muito diferente do meu, se me afigura menos bárbaro, menos corsário, e menos afagado pela brisa marítima” (CLÁUDIO, 2018, p. 14). E que estilo é esse o seu? Como já o dissemos, em outra ocasião, o seu singular estilo, que produz o efeito de “rendilhado vernacular” (REAL, 2012, p. 64),¹⁹ caracteriza-se

por uma complexidade generalizada, vertido num expedito jogo barroco, dicotómico, perifrástico, irónico, controlador, ziguezagueante, polifónico, cinestésico, metaficcional, engenhosamente urdido sob o signo da fluidez genológica e assente em insignes figuras e marcos históricos inolvidáveis da cultura portuguesa e até forânea (LUÍS, 2011a, p. 12).²⁰

Importa ainda destacar uma outra face deste “Nauta e Guardiã da Portugalidade” (LUÍS, 2011b, p. 57-80), como o apelidámos em tempos, posto que tem igualmente vindo a apontar o dedo a certa tendência ou fenómeno em curso que apelidamos de desmemorização. De facto, já a quando da comemoração dos seus 30 anos de vida literária, Mário Cláudio havia, a dada altura, denunciado:

[...] o grande inimigo interno é aquilo a que posso chamar os demónios da pátria, que é o repúdio sistemático daquilo que somos, a nossa desfiguração como país, a regressão constante do nosso imaginário, a forma como se trata a História, a tradição, o património, ou seja: o que se pode designar como a individualidade de um povo (CLÁUDIO, in CASTRO, 1999, p. 19).

¹⁹ De facto, como Miguel Real nos chama a atenção, o “[...] uso cosmopolita e quotidiano da língua, de vínculo não erudito, tem encontrado, nos últimos vinte anos, bolsas de resistência em Mário Cláudio [...], utilizando a língua como rendilhado vernacular com paralelo só em Camilo, Aquilino e Tomás Figueiredo” (REAL, 2012, p. 64).

²⁰ A título de curiosidade, em relação a este último aspeto, além do óbvio enfoque em cenários italianos expressos em *Memórias Secretas*, até pela natureza da matéria narrada, atente-se ainda à continuidade da ressonância da cultura espanhola na sua obra, tão bem descortinada por Gabriel Magalhães (2018, p. 149-160), e que em *Memórias Secretas*, extravasando o espaço geográfico de Espanha, nos leva inclusivamente a explorar a cultura da América Latina, México, tendo, desde logo, como porta de entrada os antropónimos Obregon e Carrenza.

Da teoria, à prática, na peça teatral *Medeia*, através do jogo paralelístico organizado em torno da trágica vida da figura mitológica que empresta o nome a esta peça e a não menos complexa vida da atriz que deseja, cegamente, representar o papel de *Medeia*, somos confrontados com a dura realidade do desprezo pela Cultura, protagonizado, neste caso específico, pelas autoridades políticas. Ou seja, ao não oferecerem o apoio financeiro necessário à execução desta iniciativa cultural, contribuem, tragicamente, para o fim do teatro, local onde se veiculam conteúdos que fazem parte do húmus da nossa cultura. Tendo como pano de fundo a biografia da trágica história de *Medeia* que, como é sabido, para se vingar de *Jasão*, mata os seus próprios filhos, transfere esse ato para as mãos do poder político, culpado pela morte do teatro. Assumindo “o ofício de guardião” (CLÁUDIO, 2015, p. 56), agora na qualidade de cronista, e usando-se naturalmente de uma linguagem condizente, mas com a mesma qualidade e rigor de sempre, mantém certas linhas estilísticas norteadoras, de onde salientamos, como não poderia deixar de ser, a tendência biográfica. *A Alma Vagueante* (2017), conjunto de crónicas inicialmente publicadas no *Diário de Notícias* e posteriormente reunidas em livro, centra-se em 25 figuras relevantes da cultura portuguesa, quer do mundo literário quer das belas-artes, já desaparecidas, com quem se foi cruzando, que procura, por esta via, afastar do olvido. O prefaciador desta obra, José Carlos de Vasconcelos (2018, p. 15), afiança tratar-se de “olhar lúcido e incisivo, entre o subtilmente impiedoso ou irónico e o discretamente generoso ou terno. Uma prosa que sendo menos barroca e menos densa do que a dos seus romances, como na crónica se impõe, é por igual admirável no seu singular equilíbrio de abundância e rigor”. Numa entrevista disponível na revista *Letras ConVida, Revista de Literatura, Cultura e Arte*, bem como no livro coletivo *Mário Cláudio e a Portugalidade*, quando questionado sobre esta vocação para reagir contra uma certa tendência à desmemorização em curso, explica:

A robustez da memória, e o esforço pela sua preservação, não correspondem a opções minhas, mas àquilo que genericamente se poderá denominar “traços do carácter” que me assiste. Daí que, se o efeito produzido for o de esperar algo como uma contra-corrente à “desmemorização” que menciona, acrescerá isso à minha auto-estima, e constituirá por certo um estímulo para prosseguir no trabalho. (CLÁUDIO, in RITA; LUÍS; REAL, 2016-2017, p. 199).

É interessante verificarmos que, volvidos 50 anos desde as suas iniciáticas andanças como escritor (cf. LUÍS; LUÍS, 2018, p. 107), este biografista ficcional continua também a lutar contra certa tendência ao esquecimento, envergando um estilo coerente, assente nos tais “traços de caráter” que o assiste, consolidado, tanto que, como refere mais recentemente, as leituras que faz, mesmo de autores que considera gigantes, já não o afetam tanto, senão vejamos:

Há uma idade em que os autores se visitam pela primeira vez e que se descobrem coisas que são iluminantes para o nosso trabalho. Com o andar dos anos, embora se descubram sempre novas coisas nos grandes autores – estou a pensar, por exemplo, no Melvin (Burguess) ou numa Virginia Woolf, ou no Dostoiévski, no Tolstoi – figuras que são gigantescas e em que a leitura nunca é esgotante, há sempre novas facetas a descobrir em cada leitura que se faz. No entanto, acho que, a partir de determinada altura, nós estamos mais fixados naquilo que é o nosso padrão, e estamos menos vulneráveis... ou, se quiser, menos apetentes daquilo que é o mundo dos outros (CLÁUDIO, in MORGADO, 2018, p. 42).

Enfim, desde a sua primeira obra narrativa *Um Verão Assim* (1974, transição, da poesia, *Ciclo de Cypris*, 1969, para a prosa), onde são lançados certos alicerces da sua escrita, como é o caso da tendência à musicalidade,²¹ informada ao longo de toda a sua vida por uma veia melómana genética (cf. LUÍS, 2015, p. 115-116), com naturais

²¹ Consideramos o expoente máximo das obras musicais de Mário Cláudio *Tocata para Dois Clarins*, uma das obras que faz parte da crónica da família do autor (dedicada principalmente à sua mãe, professora de música, tendo como pano de fundo a ditadura salazarista). Ouçamos esta brilhante síntese de Annabela Rita em torno da citada obra:

A música metálica dos clarins é, pois, celebração e requiem de um império e de um casamento, ambos feitos de amor, memória, esperança e fantasmas. Do Palácio de Cristal até ao espaço doméstico final, os rostos envelhecem, as vozes enrouquecem e a música estremece: no par amoroso, como na nação. A tocata é seguida de fuga, canto de encanto e desencantamento... Esse Portugal evocado, simbolizado, (re)cantado e exposto desliza para a bruma da memória colectiva, de fantasmas agitados pelos ventos da Europa, outra Europa também... sempre sob o signo d’“as nuvens que, de Oriente, a Ocidente, de Norte, a Sul, se acastelam, sinistras de ameaça” (p. 37), outrora como agora, outroraagora... (RITA, 2015, p. 91).

repercussões estilísticas (cf. LUÍS, 2014, p. 155-163), até à mais recentemente publicada *Memórias Secretas*, continuamos perante um estilo polifónico, misturado, denso, vertido numa linguagem erudita, urdida sob a batuta da arte em destaque (música, pintura, escultura, escrita artística...) e materializado em formato biográfico.

Por tudo quanto foi dito, fazem, por conseguinte, todo o sentido as palavras de Miguel Real, para quem Mário Cláudio integra o conjunto de autores que têm contribuído para colocar Portugal no mapa Mundo: “Portugal passa hoje por um período de ouro no que se refere ao romance. Após a morte de Saramago e de Vergílio Ferreira, Agustina Bessa-Luís, António Lobo Antunes, Maria Velho da Costa, Lídia Jorge e Mário Cláudio, provindos das décadas de 70 e 80, mantêm a chama acesa” (REAL in CASTRO, 2011, p. 205-206), explica o mencionado especialista. Considerado “uma das mais brilhantes mentes da cultura portuguesa” (NETO, 2008), não é despidendo afirmar que Mário Cláudio tem vindo a lançar alicerces sólidos rumo a um lugar cativo na biblioteca universal dos escritores lusófonos de extrema relevância que “por obras valerosas se vão da lei da morte libertando” (CAMÕES, 2003, 1-3), sendo que “perdurará, sem dúvida, na história da nossa literatura por ser, simultaneamente, tão portuguesa como universal”, como sagazmente afiança Álvaro Manuel Machado (2015, p. 20).

Referências

ALVES, Maria Theresa Abelha. O Nome da Rosa é Criação. *Colóquio/Letras*, Recensões Críticas, Lisboa, n. 121-122, p. 94-99, jul. 1991.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*, Canto I, Proposição, edição comentada e anotada por Henrique Barrilaro. Lisboa: Editora Rei dos Livros, 2002. 1-3.

CASTRO, Laura (Coord. e recolha de textos). *Mário Cláudio*. 30 Anos de Trabalho literário (1969-1999). Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, Livraria Modo de Ler, 1999.

CERDEIRA, Teresa. Mário Cláudio à Sombra do Banquete. In: LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier, LUÍS, Alexandre António da Costa; REAL, Miguel (Org.). *Mário Cláudio e a Portugalidade*. Setúbal: Edições Fénix, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, 2015. p. 261-272.

CÍRCULO DE LEITORES ONLINE (CLonline). “Orion” Escolha da Luz, Escolha da Sombra. Entrevista a Mário Cláudio, p. 4 (1-5). Disponível em: <http://www.circuloleitores.pt/cl/artigofree.asp?cod_artigo=11957>. Acesso em: 21 nov. 2008.

CLÁUDIO, Mário. *A Alma Vagueante*. Porto: Minotauro Idioma, 2017.

CLÁUDIO, Mário. *Amadeo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

CLÁUDIO, Mário. *Boa Noite, Senhor Soares*. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

CLÁUDIO, Mário. *Ciclo de Cypris*. Porto: Edição do Autor, 1969.

CLÁUDIO, Mário. *O Fotógrafo e a Rapariga*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2015.

CLÁUDIO, Mário. *Gêmeos*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

CLÁUDIO, Mário. *Guilhermina*. 5. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2007 [INCM, 1986].

CLÁUDIO, Mário. *Medeia*. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

CLÁUDIO, Mário. *Memórias Secretas*. Lisboa: Dom Quixote, 2018.

CLÁUDIO, Mário. *Orion*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

CLÁUDIO, Mário. *Peregrinação de Barnabé das Índias*. Lisboa: Dom Quixote, 1998 [nova edição de 2017. Lisboa: Dom Quixote].

CLÁUDIO, Mário. *O Pórtico da Glória*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

CLÁUDIO, Mário. *Meu Porto*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

CLÁUDIO, Mário. *A Quinta das Virtudes*. Lisboa: Quetzal, 1990.

CLÁUDIO, Mário. *Retrato de Rapaz*. Alfragide: Dom Quixote, 2014.

CLÁUDIO, Mário. *Tiago Veiga. Uma Biografia*. Lisboa: Dom Quixote, 2011.

CLÁUDIO, Mário. *Tocata para dois Clarins*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

CLÁUDIO, Mário. *Ursamaior*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

CLÁUDIO, Mário. *Um Verão Assim*. 3. ed. Lisboa: Quetzal, 1988 [Porto: Livraria Paisagem Editora, 1974].

CLÁUDIO, Mário. A Viagem do Mito. Prefácio. In: LEÃO, Delfim F.; FIALHO, Maria do Céu; SILVA, Maria de Fátima (Coord.). *Mito Clássico no Imaginário Ocidental*. Coimbra: Ariadne Editora, 2005. p. 24-29.

CLÁUDIO, Mário. Um Romancista na Revolução. *Diário de Notícias (Alma Vagueante)*. Lisboa, p. 56, sexta-feira, 23 out. 2015b.

COLÓQUIO INTERNACIONAL VIDA E OBRA DE MÁRIO CLÁUDIO – Novembro de 2015. Disponível em: <<http://cemarioclaudio.blogspot.pt/2015/11/colouquio-internacional-vida-e-obra-de.html>>; <<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/event/3018>>; <<http://www.ubi.pt/Evento/5980>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

DIREITINHO, José Riço. Críticas de Imprensa. *WOOK* – livros em português. Disponível em: <<http://www.wook.pt/ficha/tiago-veiga/a/id/10952277>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

GANHÃO, António. Retrato de Rapaz de Mário Cláudio. *Acrítico*. Disponível em: <<https://acriticoblog.wordpress.com/2014/08/05/retrato-de-razaz-de-mario-claudio/>>. Acesso em: 10 out. 2014.

JORGE, Carlos J. F. Os Quadros da Crónica ou a História Segundo o Romancista. *Colóquio/Letras, Recensões Críticas*, n. 161-162, p. 203-213, jul. 2002.

LIMA, Isabel Pires de. A “Quinta das Virtudes”: a Utopia Inevitável. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, p. 12-13, 31 dez. 1990.

LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. Psicanálise Mítica do Destino Português. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 2001.

LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier. Um Breve Olhar sobre a Vida e Obra de Mário Cláudio. In: RODRIGUES, Ernesto; SOUSA, Rui (Org.). *A Dinâmica dos Olhares*. Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017. p. 921-940.

LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier. *Língua e Estilo: um Estudo da Obra Narrativa de Mário Cláudio*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, com o apoio da FCT, 2011a.

LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier. Mário Cláudio: Nauta e Guardião da Portugalidade. In: BARATA, André; PEREIRA, António Santos; CARVALHEIRO, José Ricardo (Org.). *Representações da Portugalidade*. Alfragide: Editorial Caminho, 2011b. p. 57-80.

LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier. Algumas Páginas Sobre *Peregrinação de Barnabé das Índias* de Mário Cláudio. *Revista de Estudos Lusófonos, Língua e Literatura dos Colóquios da Lusofonia*, Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, n. 1, p. 217-227, 2016. Disponível em: <<https://www.lusofonias.net/documentos/revistaaicl.html>>. Acesso em: 05 jan. 2016.

LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier. Rostos da Portugalidade na Escrita de Mário Cláudio: o caso das Trilogias da Mão, da Árvore e das Constelações. In: LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier; LUÍS, Alexandre António da Costa; REAL, Miguel (Org.). *Mário Cláudio e a Portugalidade*. Setúbal: Edições Fénix, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, 2015. p. 103-138.

LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier. Algumas Singularidades Linguísticas na Obra Narrativa de Mário Cláudio. *Revista de Estudos Cabo-Verdianos, Atas II Encontro Internacional de Reflexão e Investigação*, Praia (Cabo-Verde), p. 155-163, 2014.

LUSA. “Astronomia” de Mário Cláudio, Vence Prémio D. Diniz, 26 de abril de 2017. *Diário de Notícias*. Disponível em: <<https://www.dn.pt/artes/interior/romance-astronomia-de-mario-claudio-vence-premio-d-diniz-da-casa-de-mateus6246669.html>>. Acesso em: 10 out. 2017.

MACHADO, Álvaro Manuel. Cláudio, Mário. In: MACHADO, : Álvaro Manuel (Org. e Dir.). *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1996. p. 129-131.

MACHADO, Álvaro Manuel. Prefácio. In: LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier; LUÍS, Alexandre António da Costa; REAL, Miguel (Org.). *Mário Cláudio e a Portugalidade*. Setúbal: Edições Fénix, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, 2015.. p. 15-20.

MAGALHÃES, Gabriel. Os Cinco Sentidos na/da Obra de Mário Cláudio. In: LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier; LUÍS, Alexandre António da Costa; REAL, Miguel (Org.). *Mário Cláudio e a Portugalidade*. Setúbal: Edições Fénix, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, 2015. p. 151-158.

MAGALHÃES, Gabriel. O Fantasma Espanhol na Obra de Mário Cláudio. In: LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier; LUÍS, Alexandre António da Costa; REAL, Miguel (Org.). *Vida e Obra de Mário Cláudio*. Porto; Covilhã: Fundação Engenheiro António de Almeida e LusoSofia; UBI, 2018. p. 149-160.

MAGALHÃES, Gabriel. O Romance como Utopia. Notas de um Percorso Claudiano. (bibliografia facultada pelo próprio autor, encontrando-se esta em vias de publicação), p. 1-10.

MARTINS, José Cândido de Oliveira. Necessidade de reinventar a vida: entrevista com Mário Cláudio, autor de Tiago Veiga, uma biografia. Disponível em: <alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/entrevistamclaudio.rtf>. Acesso em: 1 jan. 2013b.

MARTINS, José Cândido Oliveira. Tiago Veiga, Uma Biografia, de Mário Cláudio: a Marcha do Século XX ou a Memória do Portugal Contemporâneo. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Niteroi, v. 5, n. 11, p. 229-214, nov. 2013a.

MORGADO, João. Entrevista a Mário Cláudio (You Tube). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=dIx-EzKtZzA>. Acesso em: 10 dez. 2015.

MORGADO, João. O Processo Criativo do Escritor: entrevista a Mário Cláudio.. In LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier; LUÍS, Alexandre António da Costa; REAL, Miguel (Org.). *Vida e Obra de Mário Cláudio*. Porto; Covilhã: Fundação Engenheiro António de Almeida e Universidade da Beira Interior, 2018. p. 37-44.

NETO, Anastácio. Mário Cláudio: a Função do Escritor Não é Ser Legível, mas Autêntico. Disponível em: <[em http://oviciodaarte.blogspot.com/2004/11/mario-claudio-fundo-do-escritor-no-ser.html](http://oviciodaarte.blogspot.com/2004/11/mario-claudio-fundo-do-escritor-no-ser.html)>. Acesso em: 21 nov. 2008.

QUEIRÓS, Luís Miguel. “Quando se chega aqui, ou se diz tudo, ou mais vale ficar calado”. Entrevista a Mário Cláudio, 2015a. Disponível em: <<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/quandose-chega-aqui-ou-se-diz-tudo-ou-mais-vale-ficar-calado-1711112>>. Acesso em: 16 out. 2015.

REAL, Miguel. *O Romance Português Contemporâneo – 1950-2010*. 2. ed. Alfragide: Editorial Caminho, 2012.

REAL, Miguel. Mário Cláudio: Estudo Sobre *Medeia*. In: LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier; LUÍS, Alexandre António da Costa; REAL, Miguel (Org.). *Vida e Obra de Mário Cláudio*. Porto; Covilhã: Fundação Engenheiro António de Almeida e LusoSofia; UBI, 2018. p. 217-228.

REAL, Miguel. In: CASTRO, Isabel (abril 19, 2011). Entrevista a Miguel Real, “A lusofonia deveria ser levada mais a sério”, Ponto Final. Disponível em: <<https://pontofinalmacau.wordpress.com/2011/04/19/%E2%80%9Ca-lusofonia-deveria-ser-levada-mais-a-serio%E2%80%9D/>>. Acesso em: 1 julh. 2015.

REIS, Carlos. Páginas Goyescas. *Jornal de Letras*, p. 24, 22 dez.-4 jan. 2005.

RITA, Annabela. Tocata entre núpcias e Requiem. In: LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier; LUÍS, Alexandre António da Costa; REAL, Miguel (Org.). *Mário Cláudio e a Portugalidade*. Setúbal: Edições Fénix, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, 2015. p. 85-91.

RITA, Annabela; LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier; REAL, Miguel, entrevista a Mário Cláudio “– Nós e os Outros”, *Letras ConVida, Revista de Literatura, Cultura e Arte*. Lisboa, CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias), INCM (Imprensa Nacional Casa da Moeda), p. 192-201, 2016-2017.

SELECCÕES DO READER’S DIGEST. Mário Cláudio: “O Desafio Seria Inventar uma Autobiografia”, entrevista a Mário Cláudio. Disponível em: <http://www.selecco.es.pt/m%C3%A1rio_cl%C3%A1udio_%C2%ABo_desafio_seria_inventar_uma_autobiografia>. Acesso em 15 mar. 2013.

TAVARES, Miguel Sousa, “Oríon, o Último Livro de Mário Cláudio”, Entrevista a Mário Cláudio. *Revista Ler*, n. 59, p. 16-33, Verão de 2003.

VASCONCELOS, José Carlos de. Prefácio. “Olhar” e prosa de Crônicas com Gente Dentro. In: CLAUDIO, Mário. *A Alma Vagueante. 25 Autores que Conheci*. Lisboa: Minotauro, 2017. p. 9-15.